



O SOL DA MANHÃ

Alexandre de Brito Alves



Pedro & João
editores

O SOL DA MANHÃ

Alexandre de Brito Alves

O SOL DA MANHÃ

Copyright © Alexandre de Brito Alves

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Alexandre de Brito Alves

O sol da manhã. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 47p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1213-5 [Digital]

1. História. 2. Narrativa. 3. Literatura brasileira. 4. Autor. I. Título.

CDD – 800

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

É Brando o Dia, Brando o Vento

É brando o dia, brando o vento

É brando o sol e brando o céu.

Assim fosse meu pensamento!

Assim fosse eu, assim fosse eu!

Mas entre mim e as brandas glórias

Deste céu limpo e este ar sem mim

Intervêm sonhos e memórias...

Ser eu assim ser eu assim!

Ah, o mundo é quanto nós trazemos.

Existe tudo porque existo.

Há porque vemos.

E tudo é isto, tudo é isto.

Autor: Fernando Pessoa

Sumário

Apresentação da obra	9
Capítulo I Praia, sol e trabalho	11
Capítulo II A Pousada	17
Capítulo III O Alojamento	19
Capítulo IV O Trabalho	21
Capítulo V A construção	25
Capítulo VI O banquete	27

Capítulo VII	29
O Descanso	
Capítulo IX	31
O vento e o amor	
Capítulo X	33
O domingo de trabalho	
Capítulo XI	37
O Novo trabalho	
Capítulo XII	43
Noites em Capanema	
Sobre o autor	47

Apresentação da obra

O Sol da Manhã é um livro que tem como cenário – principal – uma parte do município de Bragança, especialmente a praia de Ajuruteua. Toda a obra perpassa pelo diálogo entre os dois principais personagens da história, quais sejam: Carlos e Miguel. Jovens estudantes universitários que buscam, em lutas cotidianas, recursos para poder pagar seus estudos a fim de melhorar suas condições sociais e econômicas.

Ao passar a vista pelas páginas, o leitor vislumbrará, uma trama expressa por diálogos que remontam a vida cotidiana e a cultura paraense: denotadas em culinárias; ritmos musicais; conversações; costumes e, sem esquecer, os homens com os “pés no chão” e suas lutas para ganhar a vida, pelo trabalho árduo.

O livro apresenta textos curtos (estilo típico do autor da obra) e as tramas são contadas em primeira pessoa, por Carlos.

Bragança, 14 de janeiro de 2024.

Alexandre de Brito Alves

Capítulo I

Praia, sol e trabalho

À procura de trabalho, encontrei-me, quando caminhava pela Rua Simpliciano Medeiros, com o grande amigo Miguel. Em nossa rápida conversa, ele me sugeriu que buscasse labuta na praia de Ajuruteua. A praia é distante cerca de 36 km do centro de Bragança e os turistas, em período de veraneios, feriados e finais de semana, visitam o local. Gente de outras cidades e até de outros países, também aproveitam o sol cintilante; os ruídos das águas na areia, os sons das gaivotas, garças e guarás que se apresentam às noites e a calmaria da natureza, pois a praia é um ambiente propenso para relaxar. Os manguezais recobrem grande parte das paisagens e o cheiro de lama e água, dão uma feição característica ao ambiente. Ajuruteua recebe esse nome pelo fato de que no passado havia por lá muito “ajuruzal”, que brota uma plantinha chamada Ajurú, que parece ter desaparecido com a urbanização e a crescente especulação imobiliária, que eliminou muito da estética natural.

Quando criança, a primeira vez que coloquei o pé no lugar o fiz em companhia de meu pai que, inclusive, perdeu-me de vista no meio da multidão, pois enquanto ele estava em companhia dos jogadores do Borussia (o time do Bairro do Riozinho), eu me

distraía olhando para as pipas e as rabiolas que enfeitavam o céu. Olhava tão atentamente que andei um quilometro à distância de meu genitor. Quando voltei para encontrar o lugar, não sabia mais onde e como achá-lo. Passado uma hora do meu desaparecimento, papai me puxou pelo braço: “seu moleque pateta! Já estou há uma hora te procurando”. Ele me levou de volta para o local de pouso.

Quando adulto, eu ia algumas vezes à praia, sempre quando tinha vontade de pegar um sol da manhã. E, igualmente, aproveitar o saboroso peixe e a cerveja geladinha, que somente Bragança oferece.

Entretanto, agora meu amigo Miguel me convidava ao labor.

- Tu Sabes Carlos Aleixo que em Ajuruteua têm trabalhos de garçom e ajudante, já que tu queres ganhar uns trocados em período de veraneios, lá pode encontrar.

Miguel, assim como eu, era estudante universitário, cursava Pedagogia na UFPA, enquanto eu, História. Nós conversávamos bastante sobre nossas disciplinas, principalmente quando eu estava cursando as matérias pedagógicas e lhe fazia algumas perguntas sobre os conteúdos tratados em seu curso. Nesses momentos nós misturávamos cervejas com Piaget, Freud e Vygotsky e, vez ou outra, Miguel me explicava: a Pedagogia é um pouco de tudo, “o nosso curso é completo”. Enquanto ele falava, eu pensava: “mas completo do quê”, nossas ideias e teorias sobre o mundo são, em grande parte, limitadas por nossos preconceitos e particularidades, e não existe curso assim. E, em se tratando

de humanidades, é mais complicado ainda fazer essas considerações.

Malgrado, nossas divergências filosóficas, gostava de ouvir meu amigo Miguel, rapaz de quase um metro e oitenta, pele meio queimada pelo sol, tinha cabelos lisos, e uma barba bem aparada, andava bem trajado e, sempre que o via assim, eu me perguntava: “onde ele comprava aquelas roupas elegantes?”. Apesar de não ter dinheiro, era bom de lábia e conquistava bastante mulheres solteiras e casadas. Quando me contava suas aventuras amorosas; eu ria muito, era uma diversão ouvi-lo. Eu, inclusive, salvei ele uma noite, quando correu apenas de cueca para escapar de um adultério que cometia, com uma moça, mãe de três filhos e esposa de um militar.

- Carlos, estou no mato aqui no bairro do Abacateiro, salva-me daqui! Nessa noite, ele escapou pela janela e sua calça-comprida zarpou no arame que cercava a casa.

O marido da mulher chegou e bateu no portão. O aventureiro deu sorte que: “a janela era próxima ao chão”. Reclamava ele na garupa da motocicleta. Quando o ouvia, não fazia outra coisa: a não ser ri, de suas paródias.

Mas deixemos de lado as aventuras de meu camarada, e nos concentramos no tema do livro, um dia, se a natureza permitir, coloco-o em outras linhas literárias.

- Então Carlos, vamos trabalhar! Disse-me ele no início do mês de julho de 2012.

- Tu trabalhas como, rapaz?

- Olha irmão, eu me viro, principalmente agora que o curso está acabando, eu não tenho mais bolsa de iniciação científica, mas sabe, eu sempre trabalhei, desde muito pequeno já ajudava meu pai na oficina de reparar carros, que ele era proprietário. Lá aprendi algumas coisas! Mas não quis aquilo para minha vida, quis estudar, ter uma profissão e um diploma universitário. Meu pai sempre me deu apoio, ele foi meu pai e mãe, pois fiquei órfão de mãe ainda bem pequeno, aos sete anos. Ela morreu de câncer no útero, sofreu demais, lembro dela gemendo de dor e papai na cozinha fazendo mingau para acalmá-la. Resistiu a ir para hospital, mas quando foi, ficou pouco tempo. Chorei muito, quando ela partiu. Sinto sua falta e esta solidão é eterna.

Miguel, assim como eu, era um jovem destemido e muito corajoso, enfrentava os desafios da vida com garra e disposição – além de muito estudioso e sonhador.

E Continuou a falar sobre suas profissões: - “depois de um tempo aprendi um pouco a fazer as coisas de pedreiro, de carpinteiro, de vigia, e principalmente de garçom, onde arranjo um pouco mais de dinheiro”, disse-me.

Assim como Miguel, eu também trabalhava como garçom às vezes, e, embora odiasse aquilo, era uma maneira de ganhar uns trocados e pagar as contas da universidade. A única coisa interessante era tomar umas cervejas, após os trabalhos, às noites. Meus trabalhos geralmente ocorriam nos bares de Bragança e aos finais de semana, apenas.

Naquele ano, nós iríamos trabalhar em Ajuruteua pela primeira vez. Então fomos.

Capítulo II

A Pousada

Em sábado bastante tranquilo Miguel e eu chegamos a uma pousada, que tinha como nome a própria praia. Os proprietários nos receberam como muita simpatia no balcão da propriedade.

- Aqui é um lugar bastante frequentado, zelamos por nossos clientes, damos a eles os melhores quartos, as melhores toalhas, os melhores sabonetes, as melhores comidas, enfim, aqui a gente preza por uma ótima recepção, disse um senhor forte e muito bigodudo, que parecia estar na década de 1970. Ele era um dos donos do local. Falamos a ele que estávamos precisando de dinheiro para pagar nossas contas da Universidade, e que estávamos dispostos a trabalhar naquele meio. O proprietário olhou para a gente com bastante seriedade e depois abriu um leve e simpático sorriso:

- Está certo rapazes, vocês estão dispostos a trabalhar aqui. Mas aviso: “é um serviço pesado”, principalmente quando dá muito cliente e, logicamente, sábado e domingo são os dias mais corridos, recebemos pessoas de todos os cantos deste estado e de outros lugares do mundo: - Tudo certo para vocês? Miguel então colocou a mão direita no queixo e disse: “olha, para mim é

tranquilo, já trabalhei em outros locais como garçom”. O homem então virou à minha direção: - e você branco, o que acha?

- Rapaz, eu quero é trabalhar, também já fui garçom e tenho até um curso na área. O bigodudo, entretanto, explicou que só tinha uma vaga para garçom, porque já havia bastante gente trabalhando. Mediante isso, Miguel me sugeriu que ele fosse garçom naquele final de semana, e eu no próximo. Então, embora de má vontade, aceitei a proposta.

Depois do nosso sim, o homem nos conduziu para o alojamento da pousada.

Capítulo III

O Alojamento

Ao chegar no alojamento nos deparamos com camas de beliche, cerca de umas oito espalhadas e um quarto fechado com 8 metros de comprimento por 6 de largura, suas paredes eram de tábuas e a cobertura era totalmente com telhas de barro. Dois rapazes sem camisas estavam lá, se preparando para trabalhar, eram garçons em preparativos para mais um dia de labuta. Eu coloquei minha mochila em cima de umas das camas, e observei no local roupas velhas, louças sujas, lençóis desarrumados, umas revistas de sexo espalhadas pelo chão e outras coisas, que o enfeitavam.

Aquela era a área masculina e o local de privacidade da mulherada era do outro lado.

- Essas aqui são as camisas da pousada? Perguntei a um dos rapazes.

- Sim! Respondeu aquele que estava em pé, segurando um barbeador azul, à mão direita.

Umás camisas brancas de gola polo e uns bonés-azul, esses eram nossos trajés.

O bigodudo explicou que aquele era o local do descanso, porém somente às noites, pois em dias deveríamos pôr a mão na massa. Nosso trabalho só poderia ser árduo, eu pensava. Miguel já estava animado, colocou a camisa e o boné, e se preparou rápido para atender os clientes, que no sol da manhã das nove horas, já se alojavam no local.

Capítulo IV

O Trabalho

Meu primeiro trabalho foi limpar as cadeiras e as mesas para os clientes se sentarem. Miguel, por seu turno, colocou a caneta na orelha, pegou seu caderninho e começou andar de lá-pra-cá, coçar a cabeça, fazer cálculos e oferecer seus serviços.

Sentem-se senhoras e senhores!

O que desejam beber? Temos cerveja geladinha.

Aproveitem o mar, o sol e a água.

Em pouco horas, suas mesas estavam cheias.

- Vamos peão! Brincava ele, comigo, quando me via carregando objetos.

Quando a clientela começou a se avolumar em maior quantidade, outro garçom veio até mim elucidando: - ajeita isso! Porque os farofeiros estão chegando. Quando ajustei o olhar na direção da praia, havia um grupo de pessoas, gente de várias idades, as famílias. Os farofeiros eram as pessoas que vinham à praia e já traziam a alimentação. Não consumiam das pousadas e dos restaurantes, portanto não ofereciam renda para os estabelecimentos e aos trabalhadores.

Os garçons não gostavam da presença dos farofeiros, pois ganhavam a partir daquilo que era adquirido com a clientela que se fazia presente para consumir. Os pratos eram os mais variados, peixes, caldeiradas, carne de sol, bifés etc. Além dessas, as cervejas compunham parte da alimentação. Pouco a pouco a clientela se aproximava em todos os locais, sentava-se e começava a pedir cervejas. Enquanto isso eu ficava limpando as mesas e as cadeiras. O sol da manhã esquentava ao momento que o pessoal chegava.

Em deslocamentos para a praia, o “povão” vinha amontado dentro dos ônibus que circulavam de Bragança para Ajuruteua, enquanto a classe média e o pessoal que tinha dinheiro, vinha em seus veículos particulares.

Os garçons começam a me pedir ajuda. Um certo Júnior, um gordinho chato, começou a me solicitar favores. Ele chegava até mim e apontava as mesas, me dava sua bandeja e pedia que eu entregasse os materiais:

- Hei, tá vendo aquele pessoal ali, me faz um favor? Vai até lá e entrega essa bandeja.

O problema era que o pessoal, às vezes, falava que não tinha pedido aquele prato e eu ia em direção ao gordo explicar e ele, por seu turno, ficava irritado. Porra! Caralho! Não mandei tu entregar. Aquele gordo já me deixou puto no trabalho, no primeiro dia. Procurei, então, me sair dele. Ficava por outros locais.

Miguel estava elétrico, o via correndo de um lado para o outro. Focado nos seus afazeres, nem tinha tempo de apreciar as bundas das mulheres. Quando via uma bunduda, só piscava para mim.

Eu ria, como sempre das brincadeiras de meu amigo.

O trabalho corria e corria. Quando deu doze horas, a fome se manifestou. Eu que já comia demais. Comecei a caçar pratos. Fui à cozinha e perguntei sobre o almoço. Em meio ao corre-corre do lugar: garçons, cozinheiros, pedreiros, proprietários e outras pessoas lá se amontoavam: era uma “cozinha sob pressão”.

Uma senhora me deu uns pratos e disse para eu comer feijão com arroz e praticadeira, além de salada e um pouco de molho. As praticadeiras estavam fritinhas e bem torradas. Estavam muito boas. Eu sentei e comecei a comer, comi umas três pratadas. Hei caboco bom de boca! Falou-me um homem de um metro e noventa que metia o facão, cortando tripas de peixes. Tinha a voz fininha, igual à do Anderson Silva.

Depois do almoço fui deitar e matar o tempo.

Capítulo V

A construção

Enquanto tirava um cochilo, Miguel me tocou no braço direito, e brincou:

- São seis da manhã!

Na verdade, meu sono não passou dos 20 minutos.

Eu voltei ao serviço. Tudo estava normal. O proprietário me chamou e disse para eu deixar a atividade de ajudante de garçom e passar a auxiliar o pessoal que trabalhava na construção de uma grande área na parte de trás do estabelecimento, ligada à pousada.

Meu trabalho consistiu em auxiliar carregando tijolos e telhas ao pessoal que construía a obra.

Curiosamente, lá encontrei Anderson Cunha, um rapaz que uns dois anos antes tinha prestado serviço militar comigo. Tínhamos servido a “pátria amada, fiéis soldados, por ela amados”. Apesar da musiquinha ser boa, a pátria parecia não ligar muito para nós, pois algumas vezes, certos bragantinos nos alcunhavam de verdinhos e/ou mucurebas. Imaginava que esse último apelido, era porque nossas fardas fediam demais (iguais mucuras), quando estávamos suados.

Cunha me falou de sua vida, disse-me que morava com uma moça, muito estudiosa e que ambos tinham um filho.

- Casei-me Brito (lembrando meu nome de Guerra no Quartel) e minha mulher é muito batalhadora. Cunha me contava que a sua esposa estudava Biologia e que estava se preparando para concursos públicos. Enquanto falava comigo, estava sentado em tijolos. Lembro de Cunha enquanto soldado dedicado, fazia a ordem unida certinho e uma vez me caçoou por eu não ter voz de comando. A voz era fina e os soldadinhos caíram na gargalhada. O sargento olhava e gritava: “que farofeira é está aí?”, Cunha não segurava a risada. Depois dizia: - “apresentar arrrmas, descansar arrrrmas”, parece que o Carlos é fanho, e junto a outros colegas, dava gargalhadas.

Ele, assim como eu, era um soldado ativo, nunca faltava e se dedicava bastante aos serviços de pintar muros dos campos de futebol e capinar as áreas do quartel – “coisas de militar brasileiro”.

Mas o tempo já havia passado e nós estávamos ali na batalha.

A gente ficou umas duas horas carregando tijolos e fazendo massa, enquanto dois pedreiros terciam a arquitetura.

Capítulo VI

O banquete

No horário do almoço o local estava lotado. Era muita gente na praia. Enquanto nós corríamos com bandejas e toalhas em mãos, os visitantes, em concomitância, curtiam bregas e outros sons. A poluição sonora contaminava o ambiente.

Após as duas da tarde o pessoal começou a deixar as mesas. O que me impressionou foram os estragos de alimentos. Eram muitos pratos cheios com colheres lambidas, dentro. A gente ia pegando os restos e colocando em sacos de plásticos, para jogar em lixos. A quantidade de alimentos estragados era elevada o suficiente para matar a fome de uma parte grande de brasileiros, que sofrem pela escassez de recursos à sobrevivência.

À medida que o tempo ia decorrendo e o sol se pondo, a praia, por outro lado, ia ficando demasiada suja. A bela natureza contrastava com as porcarias humanas. Garrafas de cervejas, louças, roupas velhas, cocos, dentre outros, eram deixados para a correnteza levar. A maré vinha subindo e nós nos apressávamos para guardar os materiais. Retirávamos as mesas, cadeiras e desmontávamos as sombrinhas. Algumas pessoas, porém, esperavam as águas atingir seus pés, para poder deixar o ambiente.

Todo o barulho ia silenciando e era possível ouvir a sonoridade das águas, subindo.

Os materiais de trabalhos eram todos guardados numa guarita para serem usados no outro dia.

Enquanto eu carregava pratos, mesas e cadeiras para cima do estabelecimento, observei meu amigo Miguel olhando seu caderninho de anotações e fazendo cálculos.

- Ei Miguel! Deu para tirar uns trocados?

Ele me olhou (seus olhos estavam tão cansados, quanto seu rosto queimado pelo dia de sol).

Deu sim meu peixe, a vida na praia é corrida, mas a gente consegue tirar uns trocados. Após isso, colocou o caderninho no bolso e rumou para o quarto a fim de descansar.

Eu continuei montando cadeiras, até o fim.

Capítulo VII

O Descanso

Quando cheguei no quarto, deitei-me em um dos beliches, e comecei a pensar em Adriana, uma moça que cursava Letras, a qual eu sentida grande atração, embora ela nem ao menos me “desse bola”. Só falava comigo algumas vezes pelos corredores da faculdade ou quando a gente conversava sobre literatura e filosofia.

Hei Carlos, tu ler Sartre?

- Sim.

Carlos Drummond de Andrade?

- Sim.

E Freud?

- Sim.

E Aristóteles?

- Sim.

E outro autor qualquer? - Sim.

Então começávamos nossas conversas, a quando nos víamos na biblioteca. Ela gostava de minhas leituras e eu gostava

dela, quanto desnível. Pensar nela aliviava o cansaço de minhas pernas, ao menos.

Enquanto eu estava deitado, um cara chamado João, que trabalhava como garçom, me bateu às pernas.

- Hei novato, quem dorme a primeira vez, fica no beliche de cima! Eu não liguei para aquele cara, mas compreendi que aquilo parecia uma regra, já que ninguém se manifestou a meu favor. E continuei deitado, o sono me pegou. Quando acordei já era mais de oito horas da noite. Vi Miguel no espelho peteando os cabelos e se perfumando.

- Ei Carlos vamos jantar meu amigo e depois a gente desce lá à beira da praia para ver umas gostosas. A noite é hora de olhar as gatas.

Eu logo tratei de ajustar meus botões.

Mas quando ia descendo para jantar, me deparei com uma morena dos cabelos lisos. As trocas de olhares me alertaram que nem tudo era ruim, naquele estabelecimento.

O nome dela era Gerusia. Bom, achei o nome estranho, porém era o de menos. Era uma moça simpática e parecia estar sozinha. Miguel me disse que ela estava trabalhando no atendimento, que havia chegado depois de nós.

Capítulo IX

O vento e o amor

E quando descemos para a orla da praia, Miguel me ofereceu uma cerveja, e ficamos nos embriagando.

E ele tomava sua cerveja geladinha e, enquanto olhava para as estrelas, o vento mexia seus cabelos. Assim, começamos a pensar sobre o sentido no mundo.

- Miguel, somos educados para acreditar que podemos vencer na vida com muito esforço e trabalho, mas isso é uma ilusão, o máximo que podemos conseguir é ter um pequeno emprego e um pouco de dinheiro para comprar uma casinha e um carrinho, apenas isso. Quem é rico é porque explora o trabalho dos outros, e quem é pobre vive no sacrifício. Nossa condição no mundo é fatal, e a vida já um erro, para nós.

Miguel refletiu e continuou tomando suas latinhas de cervejas. Enquanto o vento batia em nossas faces, ele me cutucou com o cotovelo direito. Ao olhar para o lado, vi Gerusia, vindo em nossa direção. Miguel falou:

- Te esperta aí.

Ela ficou conversando conosco um tempinho. Disse que morava no bairro da Aldeia e que também fazia a faculdade de

Pedagogia. Depois de um tempo, Miguel se afastou e deixou-nos sós. Eu convidei a moça para uma caminhada na borda da praia. O vento estava forte e batia em seus cabelos lisos, que sobrevoavam para os lados. E caminhei com ela por um tempo, peguei em sua mão e lhe dei um beijo. Nós nos sentamos na areia e conversamos bastante sobre a vida. Ela me disse que ia embora da cidade após concluir a faculdade e que não era de Bragança, iria voltar para Belém, cidade onde nascera. Eu a ouvia com atenção e, enquanto ela falava, eu pegava em seus cabelos de maneira carinhosa.

Perguntei a ela sobre o porquê daquele nome criativo?

A qual disse que foi seus pais que lhe colocaram, que ela gostava do nome. Eu lembro de ter passado horas e horas com ela, foi um namoro, apenas. Mas foi só aquela noite, no outro dia em corre-corre do trabalho, não vi mais Gerusia. Quando eu voltei para Bragança, marquei um encontro com ela na Praça das Bandeiras, entretanto ela não apareceu. Senti, então, que ela não desejava mais me encontrar.

Capítulo X

O domingo de trabalho

Eu lembro que acordei às oito horas. Uns colegas estavam conversando sentados em suas respectivas camas. Miguel ainda dormia, rocando no beliche de cima. Praticamente todos os trabalhadores haviam bebido cerveja ou caipirinha na noite passada e estavam todos com muita ressaca. Eu me perguntava: “como pode esse pessoal trabalhar o dia todo em um corre-e-corre dos diabos e ainda ter disposição para farrear”. Procurava entender que, mesmo diante da dureza da vida, ainda era possível haver tempo para diversão.

O pessoal se arrumou ao café, e estavam à mesa todos os proprietários do hotel, suas esposas, seus filhos e alguns de seus parentes, que também ajudavam na pousada. O café era farto: pão, café com leite, chocolate líquido, frutas (variadas), farinha etc. Os dois proprietários, antes da refeição, rezaram o Pai Nosso e pediram proteção e gratidão a Deus por seus trabalhos. Davam exemplos de pessoas que superaram os desafios e “venceram” na vida.

Um rapaz que estava ao meu lado disse: “Rezando assim, até parece que pagam bem. Pagam mal para porra, e querem dar uma de bons cristãos”. Eu ouvia aquilo concordando com a cabeça. Os

proprietários pregavam o espírito de equipe, mas todos sabiam que eram eles, apenas, que realmente ganhavam dinheiro com aquele negócio.

O domingo era o mais esperado, haja vista que a praia recebia muita gente de Bragança e de outras cidades. Após as doze horas, praticamente todas as mesas e cadeiras estavam ocupadas. Esse domingo foi o que mais enrolei no serviço, pois aproveitei o tempo para conversar. Colocava umas garrafas às mesas dos clientes e ia sentar-me com os pés a pegar ventania. O vigia da pousada caminhava por lá com uma garrafinha às mãos, enquanto os garçons corriam de um lado para o outro: Comanda! Comanda! Comanda! Ei rapaz, leva essa comanda aí. Eu só deixava a comanda de lado e sumia, só aparecia alguns minutos depois.

A praia ia ficando a cada momento mais lotada. Além da poluição ambiental que restava após a saída dos turistas, a poluição sonora era bastante elevada, com sons se misturando, sendo, portanto, impossível de definir se era brega, forró ou funk. Bom esse último era possível de definir porque a mulherada rebojava até o chão, ao som da batida. Quando a multidão se avolumou, eu me imiscuí ao meio.

Os vendedores ambulantes se misturavam ao povo, ofereciam caranguejo, peixes, mariscos, água e chopps, que são sucos de frutas em um saquinho, que nós, paraenses, assim o denominamos. Um garçom me ofereceu uma cerveja. “Hei ajudante, toma uma aí”. A cerveja estava geladinha como a chuva.

Após as quinze horas novamente a maré começou a subir, e o pessoal começou a se dispersar. No final do dia os patrões nos chamaram à cozinha do estabelecimento e começaram a organizar a papelada. Fulano aqui está tua parte... e tu também...os garçons ganharam a maior parte. Quando chegou minha vez, o homem bigodudo que havia me recepcionado no dia anterior retirou do bolso direito de sua bermuda jeans umas notas, um monte de cinco e dez reais.

- São cem reais a diária, e dá duzentos: o total.

Quando peguei aquele dinheiro, refleti que trabalhei dois dias para ganhar aquela quantia miserável. Entretanto, calculei que ela dava para comprar umas 500 páginas impressas dos textos necessários para as disciplinas do curso de História.

Miguel, entretanto, estava contente com as arrecadações:

- Olha aí Carlos, veja que todo os meus esforços foram recompensados, embora hoje não tinha sido um bom domingo, com poucos clientes, ainda conseguir essa pequena bolada. Mostrou-me uma pequena sacola enrolada compondo algumas notas dentro. Mas eu havia ganhado pouco, então, não falei nada.

Carlos! Presta atenção, na próxima vez tu não serás mais “cachorro”: (alcunha que os garçons davam a seus ajudantes).

Nos aprontamos nossas coisas e rumamos em direção à espera de ônibus para partir. Ficamos mais de duas horas em uma fila grande, pois a quantidade de veículos a fim de transportar gente para a cidade havia diminuído e, encontravam-se no local,

apenas uns poucos meios de transportes ainda remanescentes. No ônibus havia um pessoal porre querendo arrumar confusão. O motorista parou e ameaçou expulsar os arruaceiros, mas a briga não ocorreu, e chegamos em paz em nossos lares.

Capítulo XI

O Novo trabalho

Depois disso voltamos para a universidade. Comprei uma pilha de papel e passei uma semana lendo sem parar, madruguei. As disciplinas do curso exigiam leituras e mais leituras. Mas sabia que, novamente, precisava de dinheiro para continuar comprando papéis para ler. Passada uma semana Miguel novamente me chamou para trabalhar em Ajuruteua, entretanto eu recusei. Iria labutar em outro local. Ele seguiu o percurso, dessa vez, sem a minha companhia.

Minha genitora, Dona Maria, me disse que seu patrão, proprietário de uma sorveteria, estava com vagas a disposição para trabalhar e me apresentei. A sorveteria ficava no centro de Bragança, em um local demasiado bem movimentado por andares de transeuntes e correrias de automóveis. Entrementes, o trabalho exigia o dia todo e eu não tinha aquele tempo.

E continuando insistindo para arrumar um serviço pelas ruas de Bragança, finalmente o encontrei: segurança noturno de festas. Vi o anúncio em um jornal de nome “Caeté”, designação criativa, pois assim se chama o rio que corta a cidade (onde eu tomava banho quando criança em meio aquelas águas poluídas). O local indicado era Rua São Pedro, Bairro do Morro, Nº 560. Ao acionar

a campainha, um homem de um metro e noventa, com uma barriga saliente e uma longa barba, de roqueiro das antigas, cumprimentou-me.

- O que você quer rapaz?

- Ainda com uns jornais impressos em minhas mãos. Expliquei que aquele serviço me ajudaria.

O sujeito meio sem entender, roçou suas barbas com os dedos da mão direita, parecia não estar a par da situação.

- Ah sim?! Foi o anúncio que meu irmão pôs no jornal, imaginava que sairia só daqui há 3 dias. Mas já saiu. Aguarda aí que vou ligar a ele. Então o camarada entrou adentro da residência, levando consigo um controle de TV, preto. Eu me sentei no sofá da sala. Distraí-me olhando a um quadro de parede da seleção brasileira tricampeã mundial de futebol, em 1970. Pelé, Clodoaldo, Jairzinho, Tostão, Gerson, Rivelino e companhia: “que time era aquele”.

Três minutos depois o sujeito apareceu:

- Vem no sábado de manhã aqui. Terá uma pequena formação para aprender a ser segurança em festa.

- É necessário trazer algum documento?

- Só a Carteira de Identidade, mesmo.

No sábado apareci novamente. À frente da casa havia uns 10 homens sentados, à espera da entrevista e da formação. O proprietário da sede me perguntou se eu tinha alguma experiência

na área de segurança e EU, obviamente respondi: NÃO. Mas, expliquei que havia trabalhado em uma cerâmica e que me considerava uma pessoa forte o suficiente para separar brigas. Ele, entretanto, explicou-me que além de força era preciso habilidade e agilidade, pois às vezes a confusão começava fora da festa e outras vezes dentro. O profissional deve saber agir, imobilizar os brigões e, quando necessário, agir com truculência. A conversa foi rápida e ao término, ele me indicou ir até o quintal da residência, onde havia uma casa com as laterais abertas e um homem em seu centro dando instruções. Ele elucidou umas aulas de autodefesas e imobilizações tais: “Como desarmar o oponente”; “como chutá-lo”; “como dar cotoveladas”, “como imobilizá-lo ao chão”. Eu escutava aquilo, mas pensava que “não seria necessário utilizar todas as aquelas técnicas”, pois não acreditava que trabalharia naquela função. Não obstante, dois dias depois recebi uma ligação do proprietário, requerendo minha apresentação.

Quando comecei a trabalhar, fiquei ao portão de uma sede de festa muito frequentada de nome Planeta JA. As músicas de aparelhagens faziam grande sucesso e o público se divertia com o som tocando em elevados decibéis. Postei-me na porta de entrada, junto a dois rapazes, um, inclusive, portava uma arma e me orientou a ficar sempre com a atenção a mil.

Naquela noite o Planeta JA recebeu uma aparelhagem de nome Ciclone e logicamente o público lotou ao estabelecimento. O sábado estava tranquilo, e sabíamos que a partir das duas da madrugada a possibilidade de haver brigas era grande. Enquanto as músicas tocavam em gêneros variados compondo *Pop Roque*,

Hady Roque, bregas clássicos, técnico-brega etc. Tudo ia bem, até que rolou uma porrada lá para dentro. Um dos seguranças gritou e corremos na direção da confusão. Fiquei meio aturdido entremeio ao tumulto, enquanto tentava separar dois caras que se socavam, senti uma garrafa de cerveja assoprar em meus ouvidos, ela passou tão perto que esquentou minha orelha. Olhei rapidinho e vi a garrafa quebrar na testa de um pivete que estava a uns 4 metros de mim. “Essa foi por pouco! Disse minha mente”.

Os outros seguranças se esforçavam ao esmero para retirar os brigões, puxando-os pelo braço, barrigas e pescoços. E eu, a meu modo, lutava para apartar dois rapazes que se pegavam. Depois de algumas tentativas, irritei-me e comecei a dar pontapés nas constas deles. Uma moça apareceu chorando e me segurou pelas mãos: - “Não, não, não bate no meu marido”. Eu a peguei pela cintura e a levantei, caminhei em direção à porta. Precisava me afastar dali e aquela moça magrinha me seria útil. Ela socava minhas costas e me ofendia de toda a maneira.

- Ah, ah, ah me solta seu filho da puta! Filho de uma égua!

Joguei a moça para fora e corri para o banheiro, fiquei lá por alguns instantes para esperar as coisas se acalmarem. O DJ tentava acalmar as coisas, dando lições de moral.

- Gente, pelo amor de Deus, a festa ia bem, sempre tem essa cambada de vagabundo, desocupados, que vêm somente para estragar as diversões das pessoas de bem.

- Atenção polícia, compareça!

A polícia chegou uns 15 minutos após o início da confusão. O soldo da briga foram dois desmaios e uns dez feridos, mas ninguém morreu. Ainda bem, se não iria entrar mortos nesse livro.

E eu, bom, saí do banheiro. Peguei uma lata de cerveja e joguei em minha cabeça. Passei a mão em sangue de um cara que (passou a meu lado com a costa lascada) e esfreguei na minha roupa. Fui um segurança atuante, lutei com os brigões e me feri.

- Branco, caralho! Onde tu estava, eu me ferrando ali com três e precisando de ajuda.

- Olha aqui! Mostrei-lhe a roupa suja de sangue. Eu estava tentando separar uns três também, não viu?

Isso tudo aconteceu umas duas da madrugada e a festa, obviamente, encerrou. E voltei para casa e dormir até às 16 horas do dia seguinte.

Capítulo XII

Noites em Capanema

Contei o acontecido ao Miguel e ele riu.

- Olha Carlos, vamos continuar nosso serviço de garçom, mas vamos trabalhar em outro local. No próximo domingo terá um aniversário de 15 anos de uma menina, filha de empresário em Capanema, recebi esse convite de um amigo que mora lá. Então vamos lá! Tu irás comigo, ganhar esse dinheiro.

- E partimos.

O aniversário ocorreu em salão de nome Novas WS, que fica no centro de Capanema. Era um local bastante interessante, com muita gente: a elite do município. O local estava organizado. Minha função era distribuir bebidas no balcão. Como a festa estava tranquila, eu aproveitava e, quando de mãos livres, sacava o livro “Mar Morto”, de Jorge Amado, e o lia com os cotovelos apoiados no balcão.

- Hei Carlos, deixa disso. Tá vendo aquela moça, com aquela roupa preta. Peguei seu (o dela) contato, hoje tenho local para ficar. Não voltarei para Bragança.

Ela parecia estar em companhia de seus pais, mas Miguel era esperto e confiante.

A festa discorria bem tranquila. Em homenagem, um telão mostrava fotos da aniversariante e de seus parentes. Um pastor evangélico, talvez amigo da família, começou falar de prosperidade, argumentando que o sucesso daquela linhagem decorreu porque eles foram fiéis e seguiram à risca as regras de Deus, e que tudo estava caminhando como deve, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A moça olhava aquilo com bastante seriedade e nem ao menos sorria. Deve ter imaginado o quão difícil era gestar todo aquele patrimônio, toda aquela rede de supermercados, todas aquelas lojas e bens.

A festa terminou cedo, umas 12 horas da noite. As famílias calmamente saíam do local. Miguel se apresentou a mim, já sem as roupas do trabalho.

- Não retorno para Bragança hoje, tenho um encontro, disse-me ele, enquanto penteava os cabelos molhados de gel.

Após retornar com a parte do dinheiro que me cabia. Deu com a mão em despedida, zarpou dentro de um táxi, "não sei para onde".

Apesar de distante, uns dois quilômetros e ser seguido, caminhei em direção ao terminal rodoviário de Capanema. A cidade estava animada naquele sábado, com bastante festas e comemorações, algo um pouco destoante do lugar, pouco movimentado em comparação à Bragança.

Quando perguntei ao rapaz no plantão das vendas de passagens se ainda havia como retornar à Bragança, ele me explicou que não tinha ônibus disponível naquele momento, entretanto, eu poderia conseguir algum táxi que porventura fosse naquela hora. Quando o sono ia me pegando, um taxista apareceu gritando:

- Bragança! Bragança! Bragança! Duas vagas, duas vagas.

Eu levantei rapidamente e caminhei àquele gol vermelho, que conduzia o motorista e um homem careca, que roncava no banco de trás.

Eu lembro que entrei no carro, acordei com o barulho de sons automotivos que enfeitavam o Trevo da cidade, “estou em Bragança”. Então fui encontrar minha família.

Sobre o autor



Alexandre de Brito Alves é ficcionista, professor e cientista social. Pela Pedro & João Editores é autor dos seguintes livros: “Argila Cinza”; “A Vida é Dura”; “Reminiscências da Rua 13 de Maio”; “Lembranças da Primeira Infância”; “Estrada Bragança-Ajuruteua: desenvolvimento e progresso (1975-1984)”; “Pós-colonialismo: por uma nova epistemologia das ciências do sul” e “Estrada Bragança-Ajuruteua e sobrevivência no manguezal (1975-1991)”. Atualmente é professor da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC).

O Sol da Manhã é um livro que tem como cenário – principal – uma parte do município de Bragança, especialmente a praia de Ajuruteua. Toda a obra perpassa pelo diálogo entre os dois principais personagens da história, quais sejam: Carlos e Miguel. Jovens estudantes universitários que buscam, em lutas cotidianas, recursos para poder pagar seus estudos a fim de melhorar suas condições sociais e econômicas.

Alexandre de Brito Alves
Bragança, 14 de janeiro de 2024.

